

DAS CERIMÔNIAS DAS LUZES

Notícia histórica



Supremo Conclave do Brasil
Ritualística



Das Cerimônias das Luzes

Notícia histórica

JOÃO DIAS

Introdução	1
Adoção pelo Rito Brasileiro	2
Evolução histórica	3
1ª Fase	3
2ª Fase	3
3ª Fase	6
Posicionamento oficial	7
Tempo presente	9
Conclusão	10
Bibliografia	11

Introdução

Desde a sua Reimplantação em 1968, pelo então Grão-Mestre Geral Álvaro Palmeira, o Rito Brasileiro completou 53 anos em atividade contínua, com crescimento pujante. E, mesmo durante o período em que o Mundo inteiro foi surpreendido pelo advento de uma pandemia (COVID-19), foi possível a manutenção dos laços entre os Irmãos, através da utilização dos meios que estavam disponibilizados pelas Mídias Sociais, notadamente o recurso audiovisual, que é uma poderosa ferramenta de difusão (*“os anos de 2020 e 2021 provocaram significativas mudanças nos hábitos digitais das pessoas em todo o mundo. Com a pandemia de Covid-19, o consumo de informações – nos mais variados formatos – dentro das mídias sociais aumentou significativamente. Isso*

acabou gerando algumas mudanças, como, por exemplo, reposicionamentos na lista das 10 redes sociais mais usadas no Brasil.”¹).

Cada vez mais, observa-se que os Obreiros buscam informações, visando obter esclarecimentos que deem sentido à doutrina do Rito, para tanto, sempre se recomenda a leitura dos documentos existentes, tais como a legislação, rituais, publicações (livros, revistas, artigos, ensaios e etc. Salientando que, na atualidade, também é possível encontrar excelentes fontes de consulta, em ambiente virtual, sobre o Rito Brasileiro.² A singela leitura dos Rituais, durante as sessões, já é um bom começo. Mas, é necessário o aprofundamento nas pesquisas.

Retomando ao título acima, antes de qualquer outra observação, gostaria de fazer uma advertência: a presente pesquisa é o resultado da compilação de inúmeros trabalhos, cujos autores serão citados, não se tratando, portanto, de material novo. Apenas e tão somente trago à lume minha percepção, sobre uma etapa da sessão maçônica, cuja essência simbólica é muito importante dentro dos Arcanos do Rito Brasileiro.

Procurando dar sentido àquilo que praticamos, fui buscar algumas informações sobre uma parte da sessão, que se desenvolve à frente de nossos olhos, sem que tenhamos a adequada compreensão de sua natureza e finalidade, que é o **CERIMONIAL DE ACENDIMENTO E AMORTIZAÇÃO DAS LUZES**.

Se observarmos, com a devida e necessária atenção, veremos que, conforme afirma o Irmão Fernando de Faria, a parte litúrgica de nossas sessões está concentrada em dois momentos: na abertura e no encerramento. As outras etapas são de cunho administrativo.

Adoção pelo Rito Brasileiro

Como bem sabemos, o Rito Brasileiro, nos Graus Simbólicos, segue a ortodoxia maçônica (ortodoxia com o significado de “***posição doutrinária corretamente estabelecida segundo a opinião geral ou oficial***”), isto é, não pode inovar em pontos essenciais.

Somente a partir da Reimplantação vitoriosa, promovida pelo Irmão Álvaro Palmeira (já no encerramento de seu Grão-Mestrado – 1963/1968), o Rito Brasileiro teria rituais completos (inclusive dos Altos Graus), observando-se, **nos Graus Simbólicos**, a inequívoca influência do Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), à época praticado no GOB, antes que ocorressem as modificações de 1981. Cumpre salientar que, nesta época **não havia o Cerimonial das Luzes** (como não havia no REAA).

¹ <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>

² <https://www.masonic.com.br/>,
<https://grausfilosoficos.mvu.com.br/>,
<https://ritobrasileirors.blogspot.com/>

Evolução histórica

1ª Fase

No ano de 1972, buscando dar uma fisionomia diferenciada, foi publicada a segunda série de rituais do Rito Brasileiro, contendo singular modificação ritualística, com a inclusão de algumas novidades: **o retorno da palavra ao encerramento da sessão** (não mais retransmitida do Oriente para o Ocidente e, sim, ao contrário, retornando).

Naquela ocasião, encontramos a menção da existência de velas, conforme consta descrito na página 13 do ritual do Grau 1: “*Na frente do Altar do Venerável, o Altar dos Compromissos,e os três Castiçais (ao Oriente, ao Norte e ao Sul e **que só se acendem nas sessões iniciáticas, na tomada dos Compromissos**)*”. Vemos também que, a atribuição para proceder o acendimento das velas era do Mestre de Cerimônias Adjunto, após receber determinação do Venerável (vide página 105, do Ritual de 1972).

2ª Fase

No ano de 1986, foram realizadas novas modificações, bem mais profundas e significativas. Naquela ocasião foi elaborado um manual para Aprendiz Maçons do Rito Brasileiro, o qual foi publicado em separado do ritual propriamente dito. Então, nesta oportunidade vemos a **adoção da Cerimônia de Acendimento das Luzes com palavras sacramentais**, análoga àquela mais elaborada, de mesma natureza, realizada pelo Rito Adonhiramita.

Em que pese o surgimento de críticas de renomados ritualistas, **tal procedimento constitui-se em traço peculiar do Rito Brasileiro** (o qual teve como origem próxima a influência do REAA), **haja vista ter proporcionado aos rituais do Rito Brasileiro incomum expressividade e simetria (acendimento das Luzes, Transmissão da Palavra, Abertura e Fechamento do Livro da Lei, Amortização das Luzes)**.

Verificou-se, nessa alteração litúrgica, a distinção nas cores das velas, então denominadas de **brandões**, as quais eram colocadas no triângulo do Altar dos Juramentos. Sendo que, a partir dessa mudança, as velas passaram a ser acesas no início das sessões, e amortecidas no momento do encerramento.

O Irmão Murilo Fernandes Gandra, 33 apresentou a justificativa do referido Cerimonial das Luzes, inicialmente, nos apresentando a correspondência entre os atributos da divindade e as denominadas Luzes da Loja, tendo assim comentado:³

“SAPIENTIA – SALUS – STABILITAS – São as Luzes correspondentes aos Ven.’., 1º Vig.’. e 2º Vig.’., que em todos os Ritos se usam e reverenciam, além do respeito e acatamento ao Supremo

³ Jornal **O Semeador** nº 23, pag. 6, agosto/1989

Arquiteto do Universo – DEUS, em Sua ONISCIÊNCIA – ONIPOTÊNCIA – ONIPRESENÇA – uma das prédicas constantes dos Landmarques a que seguimos como norma e obrigação maçônica. Daí, homenagearmos ao Criador de tudo e de todos, em todas as nossas reuniões simbólicas.

SAPIENTIA⁴ – Que a Luz da Sabedoria, Onisciente e Divina, resplandeça sobre nós, ilustrando-nos e abençoando nossos trabalhos, fazendo com que nossos espíritos se cumulem de esclarecimentos e nos elucidem a fim de alcançarmos o caminho da verdade, de onde emanam a tranquilidade e as bem-aventuranças. A Onisciência de Deus está em toda parte e, por isso, evocamo-la com o propósito de nos elucidar para as eternas paragens do saber, da pureza, do Cosmos, do Além intransponível, à procura do aconchego do Pai Celestial, que tudo pode e nos inspira à benevolência, à tolerância, à paciência, à fraternidade.

SALUS⁵ – A Luz da força que nos dá vigor, nos impulsiona para frente e para o Alto, à procura do tônico salutar dispensado pelo Onipotente. Confiantes no poder criador do Supremo Arquiteto do Universo, invocando-o, solicitamos-Lhe fervorosamente de Sua Potencialidade as possibilidades de absorvermos o néctar existente no Astral, para que, embebidos desse fortalecimento, possamos praticar as metas maçônicas e profanas, em prol da Humanidade. Embebidos do tônico cósmico conseguiremos vencer nossas paixões, ultrapassar as dificuldades, transpor os obstáculos e levar de vencida as intempéries e as tormentas. A Onipotência Divina nos conduzirá às vitórias do cotidiano, desde que tenhamos o pensamento certo, limpo e ditoso para com Deus.

STABILITAS⁶ – A Luz da Beleza, tão pura quanto a Onipresença Divina, nos inspira a calma e a tranquilidade dos bons. Onde Deus está, existe a Paz, a bonança, a harmonia, a concórdia, o amor, a confiança, o perdão, a união, a fé, a esperança, a alegria, a verdade e a Luz! Com as bençãos do Soberano Criador de todos os Mundos, conseguiremos consolar mais que ser consolados, compreender mais que ser compreendidos, amar que ser amados, pois temos muito mais para dar que receber; perdoar que ser perdoados e estarmos prontos para morrer e viver para a Vida Eterna,

⁴ **Sabedoria, sapiência** ou **sagacidade** (do [latim](#) *sapere* — que tem sabor.^[1]) é a condição de quem tem conhecimento, erudição. O equivalente em [grego](#) "*sofia*" (Σοφία) é o termo que equivale ao saber (presente na formação de palavras como *teosofia*, significando ainda *habilidade manual, ciência e sabedoria*)

⁵ "**Salus**" significa saúde, salvação, conservação, vida, força vital, e diz-se em representação ao 1º Vigilante.

⁶ "**Stabilitas**" significa solidez, consistência, firmeza, inamovibilidade, estabilidade moral, e é dito em representação ao 2º vigilante.

como a ditou São Francisco de Assis, em sua extraordinária Oração. Deus nos fará instrumento de sua Paz Celestial.

Uma vez invocando, na abertura dos nossos trabalhos, pelas três qualidades incomensuráveis do Pai, estaremos aptos a abrir as nossas reuniões, onde cultivaremos a construção de Templos às Virtudes, certos que destruiremos as masmorras dos vícios, em proveito da humanidade tão carente de assistência, meios e conclusões para suas aflições.”

O citado articulista, que também ocupou importantes cargos na Alta Administração do Supremo Conclave do Brasil, discorreu sobre o simbolismo das cores das velas, que passaram a ser utilizadas. Neste ponto, alertamos que, em determinado momento, ocorreu uma inversão na sequência das cores:

”**AZUL** – Simbolizando os zéfiros⁷, também a piedade, a temperança, a doçura, a lealdade, a sabedoria, a recompensa. Na doutrina filosófica hermética, praticada pelos “Juizes filosóficos desconhecidos”, tem uma significação do mais alto interesse; o AZUL está classificado como a segunda entre as cores primitivas. É a cor consagrada a **Tsedek** (*Júpiter*) sendo indício de magnanimidade, de prontidão, de emulação para tudo que é justo. Por todas estas significações e muitas outras que se encontram nos grandes livros elucidativos, o Azul é a cor do Brandão do Venerável, colocado no vértice⁸ do triângulo do Altar dos Juramentos. (sic)

VERMELHO – Púrpura – Simboliza o fervor, o esmero, a diligência que se deve aplicar no cumprimento das leis e das obrigações, tanto maçônicas como profanas. Expressa as boas qualidades que devem concorrer para que todos os Maçons alcancem o maior esplendor em nossa Obra. Significa a dignidade, a majestade de mando, a força dignificante dos fortes. É o poder representativo da aliança entre os Reis – Salomão, de Israel e Hiran, de Tiro. Sendo a cor que inflama o coração humano e que impulsiona a coragem e a perseverança, é o signo da 1ª Vigilância, pelo seu fulgor e irradiação. Por essa e por outras razões, é o vermelho a cor do Brandão da ponta direita do Triângulo do Altar dos Juramentos.

BRANCO – Uma das mais importantes nas cerimônias e atributos de nossa Ordem. Simboliza a candidez e a inocência, a esperança e a fé. É a única cor que reflete todos os raios luminosos; é a representação da unidade, da perseverança, da pureza, da justiça,

⁷ Vento brando e agradável; aragem, brisa.

⁸ São os pontos de encontro entre os lados de um **triângulo**. Na realidade, os **vértices** são pontos de encontro entre lados de qualquer polígono. O **triângulo** possui apenas três **vértices**, pois tem três lados. Os **vértices do triângulo** são A, B e C. ... O lado que tem como extremidades os **vértices** A e C é chamado lado AC. O lado que tem como extremidades os **vértices** B e C é chamado lado BC. O **triângulo** é chamado **triângulo** ABC.

da integridade. Por todos esses atributos, é a cor do Brandão do 2º Vigilante. Essas três cores são o emblema da Arte Real.”(grifamos)

3ª Fase

Todavia, foi preciso mais informação sobre a alteração, que magistralmente foi exposta pelo Irmão Fernando de Faria⁹ que, à época, ocupava o cargo de Grande Regente. Em resposta a uma série de indagações, feitas por um Irmão do Oriente de Santa Catarina, que na ocasião somente possuía uma Loja do Rito Brasileiro, no ano de 1990, o insigne Mestre oferece memorável instrução que, pedimos vênias para transcrever a preciosa explicação:

“CERIMÔNIA DAS LUZES PELO VEN.º E VVIG.º – NÃO PELO M.º DE CCER.º

É uma peculiaridade de nosso Rito – o Acendimento das Luzes, com as respectivas evocações, diretamente efetuado pelo Ven.º e os VVig.º – não pelo M.º de CCer.º. Assim procedemos por considerar a importância desse ato litúrgico.

No Manual de Aprendiz do nosso rito está explicado simbolicamente, Ven.º e VVig.º, além de serem os três pilares que sustentam a Loja, são também as três LUZES PESSOAIS que a iluminam, e é praticamente ortodoxia maçônica, lição repetida quase como catecismo – da mais pura tradição maçônica – em torno do Altar dos Juramentos colocam-se LUZES MÍSTICAS que representam a ONISCIENTIA, a ONIPOTÊNCIA e a ONIPRESENÇA DIVINAS.

Isto não é inovação do Rito Brasileiro, é PURA TRADIÇÃO MAÇÔNICA.

Pois bem, interrogo, não é significativo, simbólico e esotericamente, que a LUZ PESSOAL (VEN.º), símbolo da SABEDORIA, evoque a LUZ MÍSTICA que representa a ONISCIENTIA DIVINA?

No mesmo sentido os dois VVig.º, a LUZ PESSOAL símbolo do PODER (1º Vig.º) evocando a LUZ MÍSTICA que representa a ONIPOTÊNCIA DIVINA, e a LUZ PESSOAL símbolo da BELEZA (2º Vig.º), evocando a LUZ MÍSTICA que representa a ONIPRESENÇA DIVINA.”

⁹ Jornal **O Semeador** nº 8, pag. 6, jul-dez/1990

Posicionamento oficial

Como toda e qualquer mudança gera dúvidas, no ano de 1991, o Supremo Conclave do Brasil resolveu firmar o posicionamento acima, publicando o **Documento do Rito** de número **46** (cujo título é **O Acendimento e a Amortização das Luzes**)¹⁰, que estabelecia a dinâmica a ser adotada nestas etapas da sessão maçônica. E, trouxe a seguinte orientação:

“LITURGIA COMPARADA

Este é o modo de proceder dos Ilr.'. que praticam o Rito brasileiro de Maçons Antigos, Livres e Aceitos – Rito da Maçonaria Renovada. Outros Ritos procedem de formas peculiares, também respeitáveis, bonitas e solenes. Cada Rito com sua prática. Não há confusão. Vejamos:

Rito Escocês, Antigo e Aceito: *o acendimento é procedido pelo M.'. de CCer.'. e não há formas sacramentais (o M.'. CCer.'. não fala). Há Luzes no Altar dos Juramentos, devem ser, obrigatoriamente, velas; nos demais é admitido o uso de lâmpadas.*

Rito Adonhiramita: *Ven.'. e VVig.'. acendem as VELAS de seus respectivos Altares, pronunciando palavras sacramentais. O fogo é transportado pelo M.'. CCer.'.*

Rito Schroeder: *Ven. e VVig.', respectivamente, acendem as VELAS grandes, existentes no Oriente, no Ocidente e no Sul, de modo bastante simples, pronunciando, cada um, fórmulas sacramentais, também bastante simples, em bonita passagem litúrgica.*

Rito Moderno e Rito York: *não tem acendimento das Luzes. Nem por isso são menos significativos. Cada Rito tem peculiaridades, expressando a sua doutrina.*

COMENTÁRIO

Pela liturgia comparada, podem ser verificadas as variações existentes no cerimonial das Luzes. Cada Rito, um procedimento. Cabe às Grandes Oficinas-Chefes, como guardiães dos arcanos do seu Rito, determinar o modo de acendimento das Luzes.

Em nosso Rito, assim se justificam os procedimentos adotados:

1. **Emprego de velas (não de lâmpadas)** – *As velas possuem simbolismo significativo. Embora as lâmpadas elétricas também possam simbolizar a Luz (lâmparas de azeite ou óleo, também representam a Luz) considera-se que nas velas há maior conteúdo simbólico, muito extenso para ser aqui discutido, mas bastante conhecido pela maior parte dos Obreiros. Não se deve, pois, no Rito Brasileiro, empregar lâmpadas elétricas no Altar dos JJur.'.*

¹⁰ Jornal **O Semeador** nº 23, pag. 3, abril/1995

..... Pois bem, no Altar dos JJur.º, obrigatório usar velas; nos demais admite-se o uso de lâmpadas. Os Irmãos devem estudar o simbolismo das velas e todo o esoterismo existente em acendê-las e mantê-las acesas.

2. **Da cor das velas:** azul, simbolizando a Sabedoria, suscitando a Onisciência Divina; vermelha, simbolizando a Força, suscitando a Onipotência Divina; e branca, simbolizando a Beleza, suscitando a Onipresença Divina. Eis o significado simbólico.

Dos símbolos, as cores, talvez, constituam aqueles de maior **polissignificabilidade** – isto é, **aquela característica de os símbolos terem mais de uma significação**. Desse modo, ao desejar referenciar-se às cores do Grande Oriente do Brasil (azul, vermelha e branca), o Supremo Conclave adotou a simbologia mencionada, perfeitamente aceitável em face da polissignificabilidade das cores. **(grifos nossos)**

3. **Acendimento pelo Ven.º e VVig.º.** – posto que os três simbolizam as Luzes da Loja e, embora tal tarefa pudesse ser executada por outro Oficial, sem dúvida, o Supremo Conclave, incumbindo o acendimento das velas às próprias Luzes (Ven.º e VVig.º), quis emprestar máxima importância à cerimônia.

Não cabe a crítica de que o Ven. e VVig.º não devem abandonar os AAlt.º – não cabe não! É só recordar outras cerimônias (no Rito Brasileiro e nos Ritos-Irmãos) e se verificará que existem diversas passagens ritualísticas em que o Ven. e VVig.º saem de suas posições. Há necessidade, isto sim, de uma correta atitude mental – Ven.º e VVig.º plenamente concentrados em suas tarefas, dignificando, por vivência mental, as qualidades que representam (Sabedoria, Força e Beleza). A presença física no Altar não é de tanta importância – mais vale a ação mental.

Restando consignado que, se buscou guardar “**coerência com a liturgia adotada pelo GOB, segundo a aprovação do Grão-Mestre Geral e proposições do Supremo Conclave do Brasil**”, sendo assinalado que não se considerava *dono da verdade*. Mas, incumbia-lhe zelar pelos arcanos e pela doutrina do Rito. Ficando, destarte, consolidados os procedimentos.

Tempo presente

Finalizando, observamos que, no Ritual de Aprendiz-Maçom, do Rito Brasileiro, edição de 2003, na página 37, existia a seguinte nota explicativa:

“b) Cerimônia das Luzes

No Altar dos JJur.º, que tem forma triangular, devem estar preparados três círios: um **Branco**, ângulo oriental, suscitando **Sabedoria**; outro Vermelho, no ângulo do Norte, promovendo a Força; e o terceiro **Azul**, no ângulo Sul,

projetando **Beleza**. O Ven.º tem, em seu Altar, uma vela auxiliar – a Tocha¹¹ – que dever acender com fósforo ou isqueiro. Os Ilr.º postam-se de pé, em S.º de Ob.º.

O Ven.º e os VVig.º devem estar preparados para, cada um em sua vez, acender o círio correspondente e depois pronunciar a invocação.”

Conclusão

De tudo acima exposto, é possível constatar que, à medida que o tempo passou, sem que houvesse violação dos Arcanos do Rito Brasileiro, ocorreram inúmeras e significativas modificações na parte ritualística, a partir da Reimplantação Vitoriosa de 1968, a exemplo das que foram acima mencionadas, a saber:

I - Inclusão da Cerimônia do Acendimento das Luzes, sendo tal atribuição do M.º de CCer.º Adj.º, em determinada ocasião iniciática (1972);

II - A Cerimônia do Acendimento e Amortização das Luzes, com palavras sacramentais, passa a ser atribuição do Ven.º (a vela de cor AZUL), 1º Vig.º (vela de cor VERMELHA) e 2º Vig.º (vela de cor BRANCA), em todas Sessões. A vela era denominada “Brandão” (1986);

III - Publicação do **Documento do Rito nº 46**, consolidando procedimentos, inclusive **As Cerimônias de Acendimento e Amortização das Luzes** (1991);

IV - Edição do Decreto nº 0542, de 19 de março de 2002, que *Aprova e Determina a Aplicação do Ritual de Aprendiz-Maçom, do rito Brasileiro*, Edição de 2002, onde se vê a alteração relativa ao posicionamento das velas: Ven.º (cor BRANCA), 1º Vig.º (cor VERMELHA) e 2º Vig.º (cor AZUL), a vela passa a ser denominada “círio”.

Devemos levar em conta que tais modificações se inserem em um contexto de estabelecimento de identidade própria, o que é perfeitamente compreensivo, levando em consideração que o Supremo Conclave do Brasil foi elaborando a Liturgia do Rito Brasileiro empregando **três princípios**:

1º - *do significado simbólico ou doutrinário;*

2º - *do procedimento tradicional;*

3º - *dos aspectos práticos.*

¹¹ A tocha é um típico [emblema](#) de [iluminação espiritual](#) e [conhecimento](#).

Como símbolo de solenidade (e pela pureza que representa a figura do fogo), alguns cultos religiosos, como o da [Igreja Católica Romana](#), da [Anglicana](#) e da [Luterana](#) usam tochas em algumas das suas celebrações litúrgicas, habitualmente consistindo numa vara de metal dourado em cujo ápice se coloca uma [vela](#) ou [círio](#). (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tocha> acesso em 03/11/2021).

Destarte, temos que nas alterações realizadas nos rituais do Rito Brasileiro foram empregados estes três princípios, em conformidade com as avaliações subjetivas do Supremo Conclave do Brasil. Os citados princípios demandam abordagem mais profunda, que ultrapassa os limites da presente exposição.

Presentemente, a edição do **Decreto nº 1101, de 15 de maio de 2009, que “Aprova e Determina a Aplicação do Ritual de Aprendiz-Maçom do Rito Brasileiro – Edição 2009”**, nos trouxe uma apreciação inovadora, a respeito da interpretação a ser dada às cores das velas, até então consideradas **“o emblema da Arte Real”**, pelo Irmão Murilo Fernandes Gandra¹².

Observa-se que, na **Parte IV – INSTRUÇÕES FINAIS**, no item **6 – LUZES (Velas) DO ALTAR DOS JURAMENTOS** (página 320), vem informando que o significado das cores das velas se trata de:

“uma lembrança e homenagem às cores oficiais do GOB. São também uma alusão às cores usadas pelas 3 Lojas Fundadoras do GOB, quando a Loja Comércio e Artes se dividiu e formou mais duas a Esperança de Niterói e a União e Tranquilidade. Os Ilr.’ para identificar de que Loja eram, usavam no braço uma tarja (branca) Comércio e Artes, (vermelha) Esperança de Niterói e (azul) União e Tranquilidade. Como a Loja Comércio e Artes era a primeira e que se dividiu sendo assim a mãe das outras duas, por este motivo a vela branca fica no Sírio à frente do VM.’ como homenagem”. (conforme o original)

Conclusão, se afigura necessário que, toda vez que ocorra alteração substancial, seja feita ampla divulgação no âmbito das Lojas do Rito Brasileiro e, se possível, com o incentivo à realização de encontros e palestras (presenciais ou virtuais), visando manter atualizados os Obreiros, pois com isso serão evitadas distorções e interpretações equivocadas.

Bibliografia

- Ritual de Maçons Antigos, Livres e Aceitos, Grau de Aprendiz-Maçom – Rito Brasileiro, 1972;
- Ritual de Maçons Antigos, Livres e Aceitos, Grau de Aprendiz-Maçom – Rito Brasileiro, 2003;
- Ritual de Maçons Antigos, Livres e Aceitos, Grau de Aprendiz-Maçom – Rito Brasileiro, 2009;

¹² **As cores da Maçonaria** – “Na Maçonaria há uma forte influência do simbolismo das cores. Existe uma Maçonaria azul, uma Maçonaria branca e uma Maçonaria vermelha, cada uma dessas cores denotando uma fase do aprendizado iniciático da Arte Real”. Do livro “CONHECENDO A ARTE REAL- Ed. MADRAS, 2007 - **João Anatalino** (in <https://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/2852807> - acesso em 23/11/2021)

- Gandra, Murilo Fernandes, in Jornal **O Semeador** nº 23, pag. 6, agosto/1989 – Órgão Oficial do Supremo Conclave do Brasil, fundado por Álvaro Palmeira;
- De Faria, Fernando, in Jornal **O Semeador** nº 8, pag. 6, jul-dez/1990 – Órgão Oficial do Supremo Conclave do Brasil, fundado por Álvaro Palmeira;
- De Faria, Fernando, in Jornal **O Semeador** nº 23, pag. 3, abril/1995 – Órgão Oficial do Supremo Conclave do Brasil, fundado por Álvaro Palmeira.

JOÃO DIAS, 33

MI da ARLS União Ordem e Progresso nº 1229 – GOB-RJ

Grande Procurador do Supremo Conclave do Brasil